

Práticas de Memória e contemporaneidade: apropriações do saber histórico em ambientes virtuais de aprendizagem*

Sonia Regina Miranda **

Resumo: A expansão contemporânea dos cursos de Educação a distância projeta a necessidade de compreendermos melhor as formas através das quais opera-se, nos ambientes virtuais de aprendizagem, novas (ou velhas) formas de aprendizagem histórica, bem como de construção de narrativas acerca dos sentidos e usos do passado. Em novos suportes de Memória e constituição de redes sociais, novas formas de identidade são engendradas, e, com isso, seu entendimento torna-se essencial para se refletir acerca dos novos (e velhos) procedimentos de formação de professores. Com vistas ao enfrentamento dessas questões, encontra-se em fase inicial de desenvolvimento, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, uma pesquisa relativa às práticas de Memória e apropriações do saber histórico em ambientes virtuais de aprendizagem. Toma-se por referência, para o desenvolvimento do projeto, a experiência em desenvolvimento, no âmbito da UFJF, do programa Universidade Aberta do Brasil, organizado em nove pólos universitários situados em diferentes regiões do estado de Minas Gerais. Pretende-se, neste texto, apresentar um cenário preliminar de reflexões relativas à compreensão do cenário cultural e social no qual se desenvolve a pesquisa, bem como situar o escopo geral do projeto de investigação.

Palavras-chave: Ensino de História- Práticas de Memória – Educação a distância

1- Ensino de História e formação de professores: Novos cenários, velhos desafios

Roger Chartier¹, ao refletir a respeito das línguas e leituras em um mundo marcado pela textualidade eletrônica, alerta-nos acerca dos “significados e efeitos das rupturas que implicam os usos, ainda minoritários e designais, mas a cada dia vencedores, de novas modalidades de difusão, composição e apropriação do escrito”. Em trilha semelhante, Nestor Canclini² destaca os efeitos derivados das rupturas e fragmentações próprias de um mundo em que a inter-textualidade promove um mundo de histórias que começam e não terminam, sobretudo porque a vivência contemporânea marca-se pela fragmentação da experiência associada à intensificação dos efeitos provocados pela sensação de aceleração do tempo. Assim, conforme o próprio Canclini, “você está dirigindo um carro enquanto ouve um áudio-livro e é interrompido por uma ligação no celular. Ou você está em casa, sentado numa

* Projeto de pesquisa em fase inicial desenvolvimento na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. O projeto possui apoio financeiro e bolsas da FAPEMIG, Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais e conta com a participação dos seguintes bolsistas do curso de História da UFJF: Luan de Paula Sodré, Vinicius Lara Costa e Fabiana Rodrigues de Almeida.

** Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora da Área de Teoria e Metodologia do Ensino de História da Faculdade de Educação da UFJF.

¹ CHARTIER, Roger. *Desafios da escrita*. São Paulo, Unesp, 2002.

² CANCLINI, Nestor Garcia. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo, Iluminuras, 2008.

poltrona com o romance que acabou de comprar, enquanto na televisão ligada à espera do noticiário passa um anúncio sobre as novas funções do iPod. Você se levanta e vai até o computador pra ver se compreende essas necessidades que não estão mais nas enciclopédias de papel e, de repente, perceber quantas vezes, mesmo para procurar dados sobre outros séculos, recorre a esses novos patrimônios da humanidade que se chamam Google e Yahoo”³.

À narrativa irônica de Canclini poderia ser acrescentado um grande número de eventos e situações nos quais a experiência individual institui um volume de atividades que se desenvolvem ao mesmo tempo. Assim, certamente, muitos jovens acresceriam à descrição do autor diversas janelas simultâneas de conversa no MSN, a navegação por páginas do Orkut, jogos on line e, de quebra, conversas por vídeo e voz.

Neste mundo, a leitura solitária de um mar de signos e textos disponíveis no mundo intercruza-se com novos espaços públicos em que múltiplas subjetividades encontram-se e enfrentam formas industrializadas da cultura que se proliferam na chamada nova cultura oral. Nesse sentido, talvez nunca a palavra escrita tenha tido tanta vitalidade e capilaridade social, mas ao mesmo tempo, talvez não tenha sido objeto de tantas reinvenções e ressignificações.

Neste novo contexto em que a convergência de mídias provoca reordenamentos nas formas clássicas de comunicação entre os sujeitos e de construção de bases de acesso ao saber e ao conhecimento, novos processos são engendrados no sentido não só da constituição de práticas de sociabilidade e vinculação entre as pessoas, como também de formação escolar e profissional em praticamente todos os níveis. E sob a égide desse grande contexto de reordenamento dos processos comunicativos, deparamo-nos com algo central no que tange a experiência humana: o reordenamento da experiência temporal a partir do aprofundamento da assincronicidade dessa experiência a partir das relações de simultaneidade. Assim, cada vez mais a vida de todos e de cada um de nós tem aprofundado o desconforto derivado da relação constituída a partir da idéia do *tudoaomesmotempoagora*.

E nesse novo contexto, em meio a tantos reordenamentos no tocante ao acesso ao saber e ao conhecimento, mais um foco situa-se como central em nosso cenário de aproximação da temática do ensino-aprendizagem da História: o apelo à Memória.

Andréas Huyssen⁴ já nos demonstrara o quanto a passagem ao terceiro de milênio traz de original, na relação com os projetos futuristas que pautaram a passagem do século XIX ao

³ Idem. P. 11

⁴ HUYSSSEN, Andréas. Seduzidos pela Memória. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.

XX, ao situar a Memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais(p. 9). O fenômeno da volta ao passado ao lado de sua perpetuação tem afetado tanto o nível privado quanto o plano público, onde podemos assistir à emergência de inúmeras políticas de valorização sistêmica de projetos de memória plurais e vinculados a identidades grupais cada vez mais restritas.

No nível privado a sofisticação alcançada pelos mecanismos que fomentam a reprodutibilidade técnica, para lançar mão de uma expressão benjaminiana no interior de sua complexidade analítica⁵ tem provocado novas formas de se produzir e preservar aquilo que pode constituir narrativas de percursos de vida o que, em última análise, gera um efeito de orientação histórica e constituição de identidade. Por outro lado, a enorme expansão dos suportes e lugares de memória não só cria um cenário de absoluta relativização em relação ao que se faz ou não como Memória, como também se abre espaço para uma avalanche de esquecimento, propiciada pelo efeito zapping provocado pela infinidade de informações.

Por outro lado, no plano da esfera pública, debates sobre o Holocausto, sobre os genocídios contemporâneos e mesmo sobre as experiências ditatoriais na América Latina, por exemplo, tem estado na esteira da tonalidade política que se observa emergir em torno da questão das múltiplas narrativas de Memória possíveis, bem como de sua necessidade de reconstrução e perpetuação.

Palavra escrita, convergência de mídias, conhecimento, aceleração do tempo, Memória... Em que medida as novas vivências assentadas na face contemporânea do projeto social e cultural engendrado pela modernidade nos conduzem a um repensar do ensino de História hoje? Como a experiência da inovação pautada em um presentismo fugaz constante e aparentemente sem memória, bem como as novas redes e modalidades de acesso ao saber encontram-se com a aprendizagem do tempo e do passado? Estaríamos, em face dessa fugacidade e a partir do que isso confere de mudanças em termos de práticas educativas e de formação docente, diante de um quadro de redefinição das bases sobre as quais se operam a aprendizagem do tempo e dos conceitos históricos básicos? Ou diante da reinvenção de modos de pensar e agir pautados nos usos tradicionais do passado assentados em novos suportes de linguagem?

Diante desse conjunto de questões, parece-nos lícito e necessário acompanhar os mecanismos através dos quais vem se estruturando uma nova prática de formação docente,

⁵ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Obras escolhidas I. São Paulo, Brasiliense, 1987.

derivada não só do aumento da demanda por uma educação inclusiva, como também dos efeitos impulsionadores da entrada do Estado brasileiro em um nicho de mercado já francamente dominado pelo setor privado de ensino: a educação a distância.

Memória e aprendizagem Histórica na educação a distância: algumas aproximações preliminares.

Os ambientes virtuais de aprendizagem constituem, nos dias de hoje, sob o escopo da Palavra Escrita, importantes espaços mediadores que provocam novas configurações nas modalidades de difusão, composição e apropriação do saber, o que pode vir a trazer efeitos significativos no processo de formação de professores e, conseqüentemente, na constituição dos saberes docentes.

Sob esse escopo pode se inserir, hoje, o tema da Educação a distância – EAD e o que essa forma de ensino historicamente nova no tocante aos mecanismos mediadores da aprendizagem representa – ou não – em termos de redefinição de mecanismos utilizados para a formação de professor. Por esta razão, temos assistido à emergência de um largo coro em defesa da necessidade deste campo investigativo vir a ser mais bem compreendido. Por um lado, tal fato justifica-se pela expansão dessa forma de ensino e pela expansão de um novo mercado, marcado por alta lucratividade e dominado pelo sistema privado de ensino.

Além disso, num contexto marcado, conforme análises desenvolvidas por Anthony Giddens⁶ e Zygmunt Baumman⁷, pela ruptura e redefinição das relações espaço-temporais, seja no mundo do trabalho, seja nos espaços de formação, novas configurações têm se feito sentir no tocante às formas pelas quais os sujeitos têm acesso ao saber.

Por outro lado, a entrada do Ministério da Educação, pela primeira vez, como promotor de política pública para a Educação neste campo, a partir da implementação do projeto Universidade Aberta do Brasil, nos traz uma configuração historicamente nova no tocante à formação de professores sob a égide do sistema público de ensino. Neste cenário, esta pesquisa pretende enveredar por uma discussão necessária a respeito de aspectos pertinentes à eficácia desta forma educativa no tocante à formação especificamente voltada à difusão e apropriação do saber histórico, sem, contudo, perder de vista aquilo que tem, ao

⁶ GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

⁷ BAUMANN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001; IDEM. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.

longo da última década, pautado minha ação como pesquisadora do campo dos saberes docentes e da História ensinada.

Para tanto, pretendo focalizar a questão das práticas de Memória e apropriações do saber histórico em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. As relações constituídas entre os estudantes nesses ambientes têm gerado elos pautados apenas pela simultaneidade temporal, o que produz relações historicamente novas no tocante ao estabelecimento de estratégias capazes de promover fios identitários e sentidos de pertencimento. Nesse sentido, novas modalidades de fixação de identidades grupais têm se projetado a partir da mediação desses ambientes que, por certo, instituem mecanismos novos de relação com o saber e, em particular, com o conhecimento histórico.

Tenho visto que novas práticas da Memória, compartilhadas por meio da escrita, emergem como um elemento possível forjador de identidades grupais e formas discursivas evocadoras de diferentes sentidos de pertencimento, o que não se dará sem a geração de efeitos para a configuração do conhecimento histórico desses professores. Deste modo a pesquisa acompanhará percursos por meio do monitoramento dos ambientes virtuais de aprendizagem e de uma investigação qualitativa nos 7 pólos que atualmente compõem a base de ação da UFJF em termos da formação em Pedagogia no projeto UAB, a saber: Bicas, Boa Esperança, Ilicínea, Pescador, Coromandel, Salinas e Santa Rita de Caldas.

Os ambientes virtuais de aprendizagem constituem, nos dias de hoje, sob o escopo da Palavra Escrita, importantes espaços mediadores que provocam novas configurações nas modalidades de difusão, composição e apropriação do saber, o que pode vir a trazer efeitos significativos no processo de formação de professores e, conseqüentemente, na constituição dos saberes docentes.

Sob esse escopo pode se inserir, hoje, o tema da Educação a distância – EAD e o que essa forma de ensino historicamente nova no tocante aos mecanismos mediadores da aprendizagem representa – ou não – em termos de redefinição de mecanismos utilizados para a formação de professor. Por esta razão, temos assistido à emergência de um largo coro em defesa da necessidade deste campo investigativo vir a ser mais bem compreendido. Por um lado, tal fato justifica-se pela expansão dessa forma de ensino e pela expansão de um novo mercado, marcado por alta lucratividade e dominado pelo sistema privado de ensino.

Além disso, num contexto marcado, conforme análises desenvolvidas por Anthony Giddens⁸ e Zygmundt Bauman⁹, pela ruptura e redefinição das relações espaço-temporais, seja no mundo do trabalho, seja nos espaços de formação, novas configurações têm se feito sentir no tocante às formas pelas quais os sujeitos têm acesso ao saber.

Por outro lado, a entrada do Ministério da Educação, pela primeira vez, como promotor de política pública para a Educação neste campo, a partir da implementação do projeto Universidade Aberta do Brasil, nos traz uma configuração historicamente nova no tocante à formação de professores sob a égide do sistema público de ensino. Neste cenário, esta pesquisa pretende enveredar por uma discussão necessária a respeito de aspectos pertinentes à eficácia desta forma educativa no tocante à formação especificamente voltada à difusão e apropriação do saber histórico, sem, contudo, perder de vista aquilo que tem, ao longo da última década, pautado minha ação como pesquisadora do campo dos saberes docentes e da História ensinada.

Para tanto, pretendo focalizar a questão das práticas de Memória e apropriações do saber histórico em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. As relações constituídas entre os estudantes nesses ambientes têm gerado elos pautados apenas pela simultaneidade temporal, o que produz relações historicamente novas no tocante ao estabelecimento de estratégias capazes de promover fios identitários e sentidos de pertencimento. Nesse sentido, novas modalidades de fixação de identidades grupais têm se projetado a partir da mediação desses ambientes que, por certo, instituem mecanismos novos de relação com o saber e, em particular, com o conhecimento histórico.

Tenho visto que novas práticas da Memória, compartilhadas por meio da escrita, emergem como um elemento possível forjador de identidades grupais e formas discursivas evocadoras de diferentes sentidos de pertencimento, o que não se dará sem a geração de efeitos para a configuração do conhecimento histórico desses professores. Deste modo a pesquisa acompanhará percursos por meio do monitoramento dos ambientes virtuais de aprendizagem e de uma investigação qualitativa nos 7 pólos que atualmente compõem a base de ação da UFJF em termos da formação em Pedagogia no projeto UAB, a saber: Bicas, Boa Esperança, Ilicínea, Pescador, Coromandel, Salinas e Santa Rita de Caldas.

⁸ GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

⁹ BAUMANN, Zygmundt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001; IDEM. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.

Esta pesquisa, ora anunciada em sua acepção inicial de desenvolvimento, insere-se em um programa investigativo maior e se integra em uma rede interinstitucional de pesquisa em formação, proposta e coordenada pela Profa. Dra. Ernesta Zamboni (Faculdade de Educação – UNICAMP). Os integrantes desta rede designam-se, originalmente, como participantes do PROJETO PEABIRU. Peabiru em tupi-guarani significa o caminho do sol e é o nome de uma estrada construída pelos índios tupi-guarani com o objetivo de ligar o leste com o oeste e facilitar o contato entre os povos indígenas da América Espanhola. Como no projeto se articularam pesquisadores de vários estados brasileiros e também da Argentina julgou-se que este nome seria apropriado para simbolizar o que se pretende em termos de uma grande cooperação acadêmica. A intenção dos participantes desta rede de pesquisa é investigar como a cultura contemporânea com seus objetos materiais e simbólicos incide, hoje, no ensino de história. Para tanto, pretende-se investigar em diferentes escolas dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e do Paraná e Buenos Aires –Argentina - os traços culturais e as identidades dos jovens e de seus professores de história pela via da compreensão dos mecanismos de consumo, produção e apropriação de diferentes artefatos culturais contemporâneos. Objetiva-se compreender em que medida tais objetos culturais apresentam-se manifestos no vocabulário e no comportamento destes sujeitos dentro e fora das salas de aulas de história e da escola. Nesse sentido, pretende-se pesquisar as relações existentes entre a apropriação destes artefatos culturais pelos jovens e seus professores e suas interfaces com a produção do conhecimento histórico escolar e a utilização de recursos didáticos. Finalmente, pretende-se analisar os pontos de aproximação/ distanciamento das propostas curriculares nacionais.

Na área do Ensino de História este campo de investigação é pouco explorado e ainda é incomum o estudo das relações existentes entre o conhecimento histórico, as manifestações da cultura contemporânea dirigida aos jovens e os documentos oficiais produzidos pelo MEC e as Secretarias da Educação. Buscamos o conhecimento da cultura jovem para além do conhecimento histórico e da perspectiva escolar. O conhecimento destas relações é necessário para ampliar, numa perspectiva multidisciplinar, os campos de investigação sobre o ensino de história, sobre a formação dos jovens e dos professores e para analisar as diretrizes das políticas públicas para a educação.

Acreditamos que o projeto em questão concorrerá para a elucidação de temáticas com forte grau de contemporaneidade e, certamente, com impactos significativos no sentido de servir como referência para uma política que ora se configura como uma nova modalidade de

intervenção do Estado brasileiro no processo de formação de professores e de democratização do direito de acesso ao sistema público de ensino superior.

Bibliografia de referência.

ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (orgs.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano Editora, 2002.

BAUMANN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

-----.. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

----- *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRESCIANI, Maria Stela. Imagens de São Paulo: estética e cidadania. In: Ferreira; de Lucca, Iokoi. (Org.). *Percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Unesp/FAPESP/ANPUH-SP, 1999.

BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia Regina C. (org). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

BURKE, Peter. *As variedades da História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

-----.. *CULTURAS HÍBRIDAS: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.

CARBONE, Graciela M. (org.). *El libro de texto en la escuela: textos y lecturas*. Madrid, España: Artes gráficas Regueiro, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARLOT, Bernard. Uma relação com o saber. *Espaço pedagógico*. Passo Fundo: v. 10, n. 2, p. 159-178, jul./dez., 2003;

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. *Desafios da escrita*. São Paulo, Unesp, 2002.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, 2, 1990: 177-229; JULIA, Dominique &

CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica –del saber sabio ao enseñado*. Buenos Aires: Aique, 1991.

CHOPIN, A. Los manuales escolares de ayer a hoy: el ejemplo de Francia. *Historia de la Educación: Revista Interuniversitaria*. Sociedade de Salamanca, n. 19, p. 13-36, jun. 2000; GATTI JR, Décio. *A Escrita Escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. 1. ed. Bauru/Uberlândia: Edusc/Edufu, 2004; GIMENO SACRISTÁN. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CONTRERAS, José. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.

DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

ELIAS, Norbert *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

-----, *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

-----, *Mozart – Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História Ensinada*. Campinas: Papirus, 1993;
KINCHELOE, Joe & STEINBERG, Shirley (org.). *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FORQUIN, Jean Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artmed, 1993.

FORQUIN, Jean Claude. Evoluções recentes do debate sobre a escola, a cultura e as desigualdades na França. In: FRANCO, Creso (org.) *Avaliações, ciclos e promoção na educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001;

GATTI JR, Décio. *A Escrita Escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. 1. ed. Bauru/Uberlândia: Edusc/Edufu, 2004.

GATTI, Bernardete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002.

GAUTHIER, Clermond et alli. *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. Ijuí: UNIJUI, 1998.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

GIMENO SACRISTÁN. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000;

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOODSON, Ivor. *A construção social do currículo*. Lisboa: Educa, 1997.

-----, *Currículo, teoria e História*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: *Vida dos professores*. 2. ed. Porto Editora, 1995;

JULIA, Dominique & BOUTIER, Jean (org.) *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

KINCHELOE, Joe & STEINBERG, Shirley (org.). *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KNAUSS, Paulo. *Sorriso da cidade: imagens urbanas e história política de Niterói*. Niterói: Fundação de Arte de Niterói, 2003.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAPASSADE, Georges. *As microsociologias*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. (org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge. *A pedagogia profana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Unicamp,

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MIRANDA, Sonia Regina et alii. *A HISTÓRIA FORA DA ESCOLA: Memórias familiares, saberes e aprendizagem em História*. Relatório de pesquisa apresentado à FAPEMIG. Juiz de Fora, 2006.

----- . Boletim pedagógico do SIMAVE. Juiz de Fora, CAED, 2002.

----- . *Sob o signo da memória: Cultura escolar, saberes docentes, história ensinada*. São Paulo, UNESP, 2008.

MONIOT, Henri. *Didactique de L'Histoire*. Paris: Nathan, 1993.

NAXARA, Márcia e MARSON, Izabel (orgs.). *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras*. Uberlândia: EDUFU, 2005.

NORÁ, Pierre. *Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1997.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias de sua vida. In: *Vida dos professores*. 2. ed. Porto Editora, 1995.

PELIZZONI, Gisela Marques. *Jogando as cinco pedrinhas: infância, História, Memória, Experiência e Cultura popular*. Juiz de Fora: UFJF, 2007. Dissertação de Mestrado.

PERRENOUD, Philippe et alii. *Formando professores e profissionais: quais estratégias? Quais competências?* 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, Philippe et alii. *Formando professores e profissionais: quais estratégias? Quais competências?* 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RICEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROSSI, Vera Lucia Sabongi e ZAMBONI, Ernesta. *Quanto tempo o tempo tem*. Campinas: Átomo- Alínea, 2003.

RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Brasília, UNB, 2001, e IDEM. *Reconstrução do passado*. Brasília, UNB, 2007.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*. Brasília: UNB, 2007.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

SCHWARZSTEIN, Dora. *Una introducción al uso de la Historia oral en el aula*. Argentina: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001.

SOBRAL, José Manuel. Memória social e identidade. Experiências individuais, experiências coletivas. In: CARDIM, Pedro. *A História: entre a memória e invenção*. Lisboa: Europa-América, 1998.

SOBRAL, José Manuel. Memória social e identidade. Experiências individuais, experiências coletivas. In: CARDIM, Pedro. *A História: entre a memória e invenção*. Lisboa: Europa-América, 1998.

TARDIF, Maurice & GAUTHIER, Clermont. O professor como ator racional: que racionalidade? Que saber? Que julgamento? In: PERRENOUD, Philippe et alii. *Formando professores e profissionais: quais estratégias? Quais competências?* 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ZAMBONI, Ernesta.(org). *Digressões sobre Ensino de História*. Itajaí, Maria do Cais, 2007.

ZEICHNER, Kenneth. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, Corinta et alii. *Cartografias do trabalho docente*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

